



ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: VIVÊNCIAS E DESAFIOS

Bruna Schmitz¹
Letícia Knaul Ferreira²
Débora Regina Wagner³

Resumo: Esse Relato de Experiência versa sobre vivências e desafios do estágio supervisionado realizado durante dois semestres no curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Catarina. O estágio, realizado por duas estudantes, aconteceu na Escola de Educação Básica Alexandre de Gusmão no município de Bom Retiro em Santa Catarina, em uma turma de 8º ano vespertino. Relatamos, inicialmente, a importância das políticas públicas relacionadas à formação de educadores do campo numa perspectiva que valoriza a história, a cultura e os saberes desses povos. Em seguida, apresentamos a escola que realizamos o estágio I e II, suas características e projetos que lá acontecem. Para finalizar, relatamos a experiência vivenciada em sala de aula, tomando como base dessas reflexões as práticas metodológicas adotadas no processo de planejamento e construção das oficinas, que foram realizadas em quatro momentos de maneira interdisciplinar com os componentes curriculares Ciências da Natureza e Matemática.

Palavras-chave: Educação do Campo. Estágio em Ciências e Matemática. Formação de Professores. Interdisciplinaridade.

1. A EDUCAÇÃO DO/NO CAMPO

O curso de Licenciatura em Educação do Campo surge da necessidade de valorização da educação e dos conhecimentos locais, reaproximando os sujeitos com a sua realidade e conectando-os ao local ao qual pertencem (CALDART, 2009).

Segundo Caldart (2009), a Educação do Campo

Na sua origem, o ‘do’ da Educação *do* campo tem a ver com esse protagonismo: não é ‘para’ e nem mesmo ‘com’: é *dos* trabalhadores, educação *do* campo, *dos* camponeses, pedagogia *do* oprimido... Um ‘do’ que não é dado, mas que precisa ser construído pelo processo de formação dos sujeitos coletivos, sujeitos que lutam para tomar parte da dinâmica social, para se constituir como sujeitos políticos, capazes de influir na agenda política da sociedade. Mas que representa, nos limites ‘impostos pelo quadro em que se insere’, a emergência efetiva de novos educadores, interrogadores da educação, da sociedade, construtores (pela luta/pressão) de políticas, pensadores da pedagogia, sujeitos de práticas (CALDART, 2009, p. 41).

¹Licencianda do curso de Licenciatura em Educação do Campo (UFSC); Universidade Federal de Santa Catarina; e-mail: bruna.schmitz@gmail.com.

²Licencianda do curso de Licenciatura em Educação do Campo (UFSC); Universidade Federal de Santa Catarina; e-mail: leticia10kf@gmail.com.

³ Doutora em Educação Científica e Tecnológica (PPGECT/UFSC); Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); e-mail: debora.wagner@ufsc.br.



Nesse sentido, a Educação do/no Campo faz uma crítica ao modelo de educação atual, que prioriza retirar os educandos do meio em que vivem, no intuito de uma educação melhor, sendo que

Na maioria dos estados, a escola rural está relegada ao abandono. Em muitos, recebem a infeliz denominação de escolas isoladas. Como predomina a concepção unilateral da relação cidade campo, num trajeto de horas de viagem, por estradas intransitáveis e as colocam em classes separadas das crianças da cidade, reforçando dessa forma a dicotomia presente no imaginário da sociedade (ARROYO; FERNANDES, 1999, p. 52).

Em relação à diferença entre as escolas urbana e rural, Arroyo e Fernandes citam que

Também existe a concepção de que a escola urbana é melhor do que a rural. Esse pensamento coloca mais uma vez o determinismo geográfico como fator regulador da qualidade da educação. Mais uma falsa ideia. O que está em questão é um projeto de escola e não a sua localização. Uma escola do campo tem uma especificidade que é inerente a histórica luta de resistência camponesa (ARROYO; FERNANDES, 1999, p. 52).

A Educação do Campo não tem como intuito privar o sujeito do campo do acesso a uma boa educação, mas que no meio rural se possa ter uma educação justa, de qualidade, voltada para a realidade e as necessidades dos povos que ali vivem. Isso não implica deixar de apresentar a esses sujeitos os conhecimentos produzidos historicamente pela humanidade, nem mesmo, separá-los das diversas culturas. Trata-se, antes, de uma educação que valoriza tanto os aspectos históricos, sociais, econômicos e culturais dos povos do campo quanto os conhecimentos mais universalizados, científicos, tomando todos eles em uma mesma relação de igualdade e importância para a formação humana.

Em consonância com tais ideias, torna-se fundamental a existência de políticas públicas voltadas para os povos do campo numa tentativa de garantir a esses povos o acesso a educação no meio em que estão inseridos. Para que tais políticas públicas sejam efetivadas e sejam de conhecimento desses sujeitos é preciso que se tenham professores qualificados para atender as necessidades dos educandos, que reconheçam a luta desses povos e valorizem a história local.

A Educação do Campo foi estruturada no Brasil nas instituições de ensino superior a partir de 2007, “como uma política de formação inicial para educadores do campo ligada ao Ministério da Educação - MEC.” (BOSSE, 2020). Com isso surge o Programa de



Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo (Procampo) por meio de uma iniciativa do Ministério da Educação (MEC), tendo como objetivo

[...] apoiar a implementação de cursos regulares de licenciatura em educação do campo nas instituições públicas de ensino superior de todo o país, voltados especificamente para a formação de educadores para a docência nos anos finais do ensino fundamental e ensino médio nas escolas rurais (BRASIL, 2009).

Com o apoio do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronea), foi implantada a política pública por meio da experiência piloto na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com o sucesso dessa implantação, outras universidades passaram a ter a Licenciatura em Educação do Campo em sua lista de cursos. (BOSSE, 2020)

Sendo assim, no ano de 2008 o curso de Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com habilitação nas áreas de Ciências da Natureza e Matemática, foi regulamentado, sendo constituído no Centro de Ciências da Educação (CED) e integrando às atividades do Instituto de Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial Sustentável (Instituto EDUCAMPO).

O curso é ofertado fora do *campus* da universidade, o que possibilita o acesso à educação superior de pessoas residentes em municípios e comunidades do interior.

Uma das práticas pedagógicas do curso de Educação do Campo é a Pedagogia da Alternância, que se divide entre o Tempo Universidade (TU) e o Tempo Comunidade (TC). Durante este último período, são realizadas ações práticas e projetos comunitários, além de observações e projetos nas escolas que recebem os sujeitos do campo. Essas práticas são analisadas e debatidas durante os TUs em sala de aula.

O curso oferecido pela UFSC apresenta o estágio com carga horária superior à prevista em lei, sendo o total de 648 horas/aulas divididas, segundo o PPP do curso, nas disciplinas de Estágio Docência e Projetos Comunitários I, II, III e IV e Estudo Orientado de Estágio e Seminário de Socialização V, VI, VII e VIII.

Nessa perspectiva, realizamos o nosso estágio visando levar aos educandos do Ensino Fundamental II uma proposta até então desconhecida, pois pouco se falava em Educação do Campo no município por estar localizado no interior do Estado e sem conhecimento sobre o curso ofertado pela Universidade Federal, utilizando da interdisciplinaridade como base para a produção dos planos de aula e realização das oficinas.



2. O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E VIVÊNCIAS DE FUTURAS PROFESSORAS DO CAMPO

O estágio que realizamos aconteceu no ano 2019 e se deu na Escola de Educação Básica Alexandre de Gusmão localizada na área urbana do município de Bom Retiro em Santa Catarina. Trata-se de uma escola Estadual que oferece os Anos Finais do Ensino Fundamental, recebendo todos os estudantes oriundos tanto do campo quanto dos bairros da sede do município.

Por ser única, recebe todos os estudantes do campo que até então estudavam em escolas municipais na zona rural. Poucas comunidades do município têm escolas, portanto, para que as crianças tenham acesso à educação, o transporte escolar é fundamental para o deslocamento de todos e todas até a escola.

A Escola de Educação Básica Alexandre de Gusmão foi fundada em 18 de abril de 1942 e no decorrer dos anos passou por várias modificações em sua estrutura para atender as necessidades da população do município.

A escola atendeu em seu histórico estudantes dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental até o Ensino Médio, mas com a fundação de uma nova escola no centro do município, a Escola de Ensino Médio Valmir Omarques Nunes em 2016, passou a atender apenas os Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental.

A estrutura da escola tem atualmente dezoito salas, sendo uma do Serviço de Atendimento Educacional Especializado (SAEDE), que atende crianças com necessidades especiais, uma biblioteca, um salão nobre (auditório), um ginásio de esportes, uma sala de tecnologia, uma sala dos professores, diretoria, coordenação pedagógica e secretaria, um refeitório, uma quadra coberta, nove banheiros para uso dos alunos, sendo apenas um para uso de deficientes físicos, e quatro banheiros para os professores.

Segundo dados do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, em 2018 estudavam na escola em torno de 800 estudantes e contava com um grupo de 39 docentes.

Em especial, os estudantes oriundos do campo estudam no período vespertino, por ser esse o período em que é disponibilizado o transporte escolar no interior do município. Segundo o PPP da escola, do ano de 2018, “no período vespertino, cerca de 70% dos alunos vêm do interior do município, utilizando o transporte escolar, alguns viajam quase 70 km diariamente para frequentar a escola, pois temos uma grande extensão territorial.” (PPP, 2018, p. 9). Com base no PPP, é inegável a importância de se ter uma escola acessível nas



comunidades, visto que o deslocamento desses estudantes é muito longo e pode comprometer a qualidade de vida e da educação.

A escola trabalha com os seguintes projetos durante o ano: campeonato intersalas de voleibol, festival de dança, festival da sapatilha, festa julina, folclore, curtas no Alexandre, tarde da poesia, campeonato intersalas de futebol, aulão de halloween e projeto de leitura. Destaca-se a mostra de ciências e tecnologia que tem o intuito de despertar o interesse dos estudantes nas áreas de ciências e matemática.

Por meio da observação das aulas, notamos que, particularmente nas aulas de matemática, a tecnologia é bastante presente, pois o professor trabalha com jogos e utiliza de recursos tecnológicos para compreensão dos conceitos e avaliação dos estudantes.

Vale ressaltar que todo o corpo docente e administrativo da escola foi bastante receptivo com a nossa inserção no espaço educativo. Todas as propostas de atividades que foram feitas durante a co-docência⁴ foram bem aceitas, planejadas e pensadas coletivamente com o auxílio dos professores da escola e a supervisão do corpo pedagógico e das professoras orientadoras do Estágio. A propósito, a temática Alimentação Saudável que norteou os estágios surgiu a partir do diálogo entre as estagiárias, as professoras orientadoras e a coordenação pedagógica da escola, que sugeriu que considerássemos um grande projeto no qual a escola vinha dedicando esforços e envolvendo toda comunidade escolar naquele período.

2.1. Relatos sobre o estágio

Após um semestre de observações em que foram ministradas quatro aulas presenciais além da co-docência que nos deram subsídios para conhecer, minimamente, parte da realidade da escola e dos estudantes de uma turma de 8º ano, iniciamos o Estágio II que contemplou uma carga horária de 20 horas/aula de docência. Esse estágio aconteceu no segundo semestre de 2019 e tomou como base as discussões, reflexões e problemáticas relacionadas ao Estágio I. É importante destacar que no curso de Licenciatura em Educação do Campo os Estágios I e II assim como os Estágios III e IV contemplam um projeto único

⁴ A co-docência refere-se às atividades realizadas no período de observação. Para além de observar, considerou-se importante que os estagiários pudessem, sempre que solicitados, auxiliavam o professor/professora em atividades, resolução de exercícios ou experimentos, auxiliavam os estudantes no desenvolvimento de atividades, tirando dúvidas e, em alguns momentos, poderiam ainda, propor atividades.



que é pensado e planejado para acontecer ao longo de um ano. A divisão por semestre só acontece por efeitos burocráticos e divisão de disciplinas.

Sendo assim, propusemos quatro oficinas distribuídas em cinco aulas cada uma, ou seja, um período integral para cada oficina. As oficinas se realizaram em um período de um mês, com intervalo de uma semana entre cada uma. Estavam presentes o professor orientador, educandos e professor regente da turma. Para realizá-las, fizemos um plano de ensino que abordasse os componentes curriculares, Ciências da Natureza e Matemática, a realidade dos educandos, considerando, sobretudo, os saberes dos estudantes, as considerações dos professores das áreas e o objetivo dos estágios na Educação do Campo. Um grande desafio, sem dúvidas, foi trabalhar de forma interdisciplinar com componentes curriculares tão distintos entre si.

Sendo assim, definimos, juntamente com professoras orientadoras, direção e professores da escola uma estratégia para aplicarmos o Estágio II. Decidiu-se que o estágio seria realizado em duplas – as mesmas duplas do estágio anterior com o intuito de dar continuidade ao trabalho já iniciado– e em formato de oficinas, numa tentativa de integrar interdisciplinarmente as disciplinas de ciências e matemática com a temática escolhida.

Para a definição do tema que seria nossa base para as abordagens interdisciplinares, conversamos com a coordenação da escola e nosso orientador de estágio e então, a assessora da escola sugeriu o tema “Alimentação Saudável” por estar preocupada com os estudantes, que preferiam se alimentar de salgadinhos, doces e refrigerantes do que consumir a alimentação balanceada servida no refeitório da escola. Outra preocupação era que muitos dos estudantes vinham de longe e não almoçavam, apenas lanchavam. Ficou definido então, que o tema seria esse: alimentação saudável.

Visando promover a conscientização dos estudantes e conhecê-los, na primeira oficina fizemos uma dinâmica para refletir sobre a alimentação dos educandos. Distribuimos *post-its* entre eles para que respondessem sobre o que gostavam de comer e quais eram os alimentos que mais consumiam no dia a dia. Em seguida pedimos que colassem as informações em uma cartolina para que pudéssemos dar início às discussões.

Em seguida, explicamos à turma sobre os alimentos *in natura*, processados e ultra processados e propusemos uma atividade que articulasse o tema aos conteúdos de matemática e ciências. Dividimos a turma em grupos e disponibilizamos um copo, açúcar e algumas colheres com tamanhos diferentes e pedimos para que colocassem no copo a quantidade de açúcar que eles acreditavam conter em uma lata de refrigerante. Pedimos que calculassem por meio da quantidade de colheres de açúcar o peso aproximado que haviam estipulado no copo.



Para auxiliá-los, utilizando de *slide*, trabalhamos unidades de medidas e disponibilizamos uma tabela que apresentava a conversão de colheres para peso em gramas. Em seguida trabalhamos com o trecho de um documentário que abordava as consequências que o consumo de alimentos gordurosos e refrigerantes pode causar a nossa saúde.

Para finalizar as atividades dessa primeira oficina, trabalhamos com o Índice de Massa Corporal (IMC). Para essa atividade, nós os dividimos em grupos e eles construíram uma fita métrica para que pudessem se medir e aplicar sobre as unidades de medidas que havíamos trabalhado anteriormente. Após concluir a atividade envolvendo as fitas métricas, colocamos uma balança para que os estudantes se pesassem. Deixamos essa atividade livre para quem se sentisse à vontade de fazer, e esclarecemos que não era necessário colocar nome na folha de cálculo, para que ninguém fosse exposto. Dessa forma, todos fizeram a atividade. Depois que todos já sabiam sua altura e peso, apresentamos a fórmula de IMC e construímos alguns cálculos juntos para compreender a fórmula e o significado dela.

Na segunda oficina propusemos um gráfico com os dados de IMC coletados por eles na oficina anterior afim de desenvolver alguns conceitos matemáticos relacionados ao eixo temático tratamento da informação.

Para isso, separamos os estudantes em trios para pesquisarem os pratos típicos de diferentes países. Com os dados coletados, pedimos que fizessem um grande grupo e foi construído, coletivamente, um gráfico de barras com os alimentos mais consumidos.

Na terceira oficina, discutimos sobre a produção de alimentos orgânico e convencional. Para debatermos sobre o assunto, percebemos muita resistência por parte de alguns estudantes que tinham receio de falar que eram agricultores e/ou que residiam em comunidades do interior do município. Como um dos objetivos da educação do campo é a valorização da realidade local, propusemos algumas reflexões que pudessem provocar os estudantes, fazendo-os perceber a importância do trabalho no campo não apenas para sustento das famílias que ali vivem, mas no processo de desenvolvimento de uma cadeia alimentar mundial, na relação com a natureza, com a sustentabilidade e com a terra.

As discussões trouxeram à tona questões envolvendo a rentabilidade do trabalho no campo, e, a partir de então, propusemos uma atividade de matemática, com questões problemas envolvendo situações da realidade dos estudantes. Os conceitos abordados envolveram média aritmética, regra de três e funções custo, receita e lucro.

Vale ressaltar que muitos estudantes apresentaram dificuldade para a realização das operações matemáticas simples, necessitando de auxílio para a resolução das questões. Antes de aplicar essa atividade, por meio de diálogo, conferimos se tais conceitos já haviam



sido introduzidos, e tomamos o cuidado de explicar detalhadamente cada questão, exemplificando como se faria a resolução do problema.

Na última oficina fizemos uma gincana para trabalhar sobre os sentidos do corpo humano. Na primeira atividade da gincana trabalhamos de forma interdisciplinar para falar sobre a visão, utilizando o conteúdo de polígonos. Para isso, apresentamos imagens de formas geométricas e o desafio era fazer, em um tempo de 20 segundos, a contagem das formas e quais seriam elas. Isso tudo para, com o intuito de problematizar o sentido da visão, trabalhado nas oficinas como conceito das ciências.

Em seguida, trabalhamos sobre o tato. Colocamos alguns objetos dentro de uma caixa na qual apenas com a mão, tateando os objetos, deveriam descobrir o que havia dentro da caixa. Assim como na atividade anterior, também estabelecemos o tempo de cinco segundos para cada estudante poder sentir os objetos na caixa.

A terceira atividade foi sobre a audição, no qual propusemos uma brincadeira muito comum entre as crianças, telefone sem fio. O estudante que iniciaria a rodada deveria sortear uma frase sobre alimentação e falar no ouvido do colega, até chegar ao último que falaria em voz alta a frase que ouviu. Repetimos essa atividade várias vezes a pedido dos estudantes.

Para finalizar nossa gincana, levamos alguns alimentos e temperos para trabalhar o olfato e o paladar. Os estudantes, vendados, deveriam experimentar um determinado alimento ou cheirar algum tempero e identificar o nome.

Por fim, propusemos uma conversa junto aos estudantes sobre as oficinas e o aprendizado a partir delas. Surgiram muitos comentários positivos e incentivadores para não desistirmos de lutar por uma educação mais inclusiva e de qualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do estágio numa interlocução entre a temática, as ciências da natureza e matemática, foi um grande desafio para nós enquanto educadoras em formação. Houve dificuldade para relacionar conceitos matemáticos com o eixo temático e os conceitos de ciências. Isso porque a proposta de ensino por área do conhecimento no curso de Licenciatura em Educação do Campo é, sem dúvidas, um dos maiores desafios, uma vez que a maioria das nossas escolas – seja no campo ou na cidade – está organizada por disciplinas e não por área. Uma proposta que visa a interdisciplinaridade e o planejamento das atividades



por área do conhecimento, nesse caso Ciências da Natureza e Matemática, rompe com essa organização.

Como o estágio se deu em forma de oficinas, nos possibilitou conciliar durante o processo, a partir da percepção que tínhamos em relação às necessidades dos estudantes, alguns conceitos matemáticos que não estavam dentro do planejamento anual, pois eram importantes que os estudantes relembassem a matemática básica para compreender os conceitos que seriam trabalhados posteriormente, como por exemplo, construção de gráficos, cálculo de IMC, média aritmética e função de receita, custo e lucro.

Por fim, salientamos a importância da realização dos estágios para a formação de educadores, pois “o estágio enriquece o progresso de uma formação alicerçada no contexto real na qual possibilita a construção independente do conhecimento científico por meio da vivência.” (ARAÚJO; PORTO, 2019, p. 6). Além disso, compartilhamos das ideias de Moraes (2014), quando afirma que, “para trabalhar como professor nas escolas do campo é necessário ter essa compreensão sobre campo e educação do campo, é preciso estar a par das propostas dos movimentos sociais e saber que educação está em debate” (MORAES, 2014, p.69).

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A.S.; PORTO, K.S. Vivências de estágio supervisionado em Ciências da Natureza em uma escola do campo: reflexão das práticas pedagógicas na formação inicial de professores da Educação do Campo. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, v.4, 2019, p.1-17.

ARROYO, M. G.; FERNANDES, B. M.A **educação básica e o movimento social do campo**. Brasília, DF: Articulação Nacional Por Uma Educação Básica do Campo, 1999. Coleção Por Uma Educação Básica do Campo, nº 2.

BOSSE, E. **Uma breve análise da formação em Matemática nos cursos de Licenciatura em Educação do Campo no Brasil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação do Campo) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2020.

BRASIL, Ministério da Educação. **Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo (Procampo)**. Brasília, DF. 2009. [online] Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/tv-mec/programa-de-apoio-a-formacao-superior-em-licenciatura-em-educacao-do-campo-procampo>>. Acesso em 27 jan. 2021.

CALDART, R. S. **Educação do campo**: notas para uma análise de percurso. Trabalho Educação Saúde, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, mar./jun. 2009, p. 35-64.



MORAES, V. M. de. **Possibilidades e limites do ensino por área do conhecimento no curso de licenciatura em educação do campo da UNICENTRO:** uma reflexão a partir da análise dos relatórios de estágio dos educandos da área de ciências da natureza e matemática. ANALECTA, v.13 n. 1, 2012/2014. p. 67 – 85.

PPP – Projeto Político Pedagógico. Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza e Matemática UFSC. [online] Disponível em:
<<http://licenciatura.educampo.ufsc.br/projeto-ppp/>> Acesso em: 26 jan. 2021.

SANTA CATARINA, Secretaria do Estado de Educação, E. E. B. Alexandre de Gusmão. Projeto Político Pedagógico. Bom Retiro, 2018.